

Bancos não atenderiam a novos empréstimos

DAVOS, Suíça — Os bancos internacionais não estariam dispostos a atender ao pedido brasileiro de novos empréstimos no valor de US\$ 4 bilhões em 1984, disse ontem um dos principais banqueiros da Alemanha Ocidental, Wilfried Guth, que participa de um simpósio internacional sobre assuntos financeiros em Davos.

Para ele, o Brasil deveria procurar alternativas como bônus e promissórias a serem pagos em moeda nacional. "Devemos ser cautelosos", advertiu Guth antes de dizer que os bancos precisariam cobrar taxas de juros mais baixos dos países em desenvolvimento que demonstrem sinais de recuperação econômica.

"Não haverá mais dinheiro", a não ser que as nações endividadas façam ajustes econômicos, afirmou por sua vez Fritz Leutwiler, presidente do Banco Nacional da Suíça. A eventual recusa de um país como o Brasil de pagar suas dívidas "não significaria o fim do mundo", comentou. Mas ele não acredita que, no caso brasileiro, isto venha a acontecer.

Leutwiler acha que os países industrializados devem abrir suas fron-

teiras às exportações do Terceiro Mundo, ainda que isto signifique uma redução de empregos nos seus próprios territórios. Segundo ele, isto é essencial para que os países em desenvolvimento, altamente endividados, possam pagar seus compromissos. "É um caminho difícil para os países industrializados, que já precisam enfrentar o desemprego, mas devemos compartilhar o peso do problema da dívida", disse.

Anthony Solomon, presidente da sucursal nova-iorquina da Reserva Federal (banco central do Estados Unidos), concorda com Leutwiler quanto à necessidade de os países do Terceiro Mundo continuarem a aplicar rígidos programas de austeridade. Solomon declarou-se impressionado com a determinação dos devedores de empreender programas de ajustes, e disse que seus governantes deveriam ter a possibilidade de antecipar uma eventual recuperação. De acordo com ele, um aumento das exportações de manufaturados feitas pelo Brasil, Chile e México não significaria ameaça para ninguém, já que seu efeito seria mínimo sobre a Europa.